



**CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA FUNDAMENTADA NA
HISTORICIDADE, CRITICIDADE E LUDICIDADE**

**CAPOEIRA IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION:
A METHODOLOGICAL PROPOSITION BASED ON HISTORICITY,
CRITICALITY AND PLAYFULNESS**

**CAPOEIRA EN EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR:
UNA PROPUESTA METODOLÓGICA BASADA EN LA HISTORICIDAD,
LA CRITICIDAD Y LA LÚDICA**

Luciano Hebert de Lima Silva


<https://orcid.org/0000-0002-0205-6871> 


<http://lattes.cnpq.br/0576115011182473> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

hebert.capoeira@gmail.com

Elizabeth Jatobá Bezerra Tinôco


<https://orcid.org/0009-0009-3787-4493> 


<http://lattes.cnpq.br/3714455266526226> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN – Brasil)

bethjatoba@uol.com.br

Isabel Porto Filgueiras

<https://orcid.org/0000-0001-6173-9560> 

<http://lattes.cnpq.br/3714455266526226> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

isabel.filgueiras@saojudas.br

Resumo

O artigo apresenta uma proposta didática para incluir a capoeira nas aulas de educação física do ensino fundamental, destacando sua origem afro-brasileira, com ênfase em historicidade, criticidade e ludicidade, o estudo visa proporcionar uma educação física antirracista. O trabalho fundamenta-se na experiência vivida de um capoeirista professor-pesquisador, integrando pedagogia histórico-crítica e práticas freireanas. A proposta didática é dividida em ciclos pedagógicos e momentos de problematização, vivência brincada e reflexão, utilizando jogos e atividades que promovem a conscientização, a cooperação e o entendimento das lutas e conquistas dos afro-brasileiros. O trabalho evidencia que a capoeira pode ser um instrumento pedagógico que facilita a compreensão crítica e a representatividade das culturas negras na escola. Conclui-se que a proposta contribui para que a inserção da capoeira no currículo escolar sob um trato pedagógico emancipatório permita trazer uma referência para a formação de professores iniciantes e ou com pouca experiência em Capoeira.

Palavras-chaves: Capoeira; Educação Antirracista; Prática Pedagógica.

Abstract

The article presents a didactic proposal to include capoeira in elementary school physical education classes, highlighting its Afro-Brazilian origin, with an emphasis on historicity, criticality and playfulness, the study aims to provide an anti-racist physical education. The methodology is based on the experience by a capoeira teacher-researcher, integrating historical-critical pedagogy and Freirean practices. The didactic situation is divided into pedagogical cycles and moments of problematization, playful experience, and reflection, using games and activities



that promote awareness, cooperation, and understanding of Afro-Brazilian struggles and achievements. The work highlights that capoeira can be a pedagogical tool that facilitates critical understanding and representation of Black cultures in schools. It concludes that the proposal contributes to the inclusion of capoeira in the school curriculum under an emancipatory pedagogical approach, providing a reference for the training of novice teachers or those with little experience in Capoeira.

Keywords: Capoeira; Anti-racist Education; Pedagogical Practice.

Resumen

El artículo presenta una propuesta didáctica para incluir la capoeira en las clases de educación física de la escuela primaria, destacando su origen afrobrasileño, con énfasis en la historicidad, la criticidad y la lúdica. El estudio tiene como objetivo brindar una educación física antirracista. La metodología se basa en la experiencia de un profesor-investigador de capoeira, integrando la pedagogía histórico-crítica y las prácticas freireanas. La situación didáctica se divide en ciclos pedagógicos y momentos de problematización, experiencia lúdica y reflexión, utilizando juegos y actividades que promueven la conciencia, la cooperación y la comprensión de las luchas y logros afro-brasileños. El trabajo evidencia que la capoeira puede ser una herramienta pedagógica que facilita la comprensión crítica y la representatividad de las culturas negras en la escuela. Se concluye que la propuesta contribuye a que la inclusión de la capoeira en el currículo escolar bajo un enfoque pedagógico emancipador permite traer una referencia para la formación de profesores novatos o con poca experiencia en Capoeira.

Palabras claves: Capoeira; Educación Antirracista; Práctica Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O Brasil foi marcado pela colonização e sistema escravagista que violentou e tentou silenciar as vozes indígenas e negras. Com a diáspora africana, vieram para terras brasileiras, por mais de três séculos e meio, em condições desumanas, milhares de homens, mulheres e crianças do continente africano. Essa população encontrou nas diversas manifestações culturais de suas origens e na hibridização entre elas uma forma de mitigar e resistir às opressões, contribuindo para a formação da cultura brasileira. Mesmo severamente reprimidas, as manifestações afro-brasileiras resistiram, sobreviveram e continuam atuantes no cotidiano nacional, lutando contra o preconceito como a Capoeira (Serrano; Waldman, 2010).

Souza (2006) define a Capoeira como manifestação cultural que possui elementos de dança, luta, música, jogo e arte. Hoje, ao se expandir para diversos espaços sociais, a Capoeira leva consigo a sua raiz de enfrentamento do oprimido perante o opressor, demonstra todo seu poder de resistência e empenho por liberdade, evoluindo de contravenção penal a patrimônio nacional, conquistando cada vez mais espaços sociais (Campos, 2009).

Cordeiro e Abib (2018) destacam que a educação brasileira pouco avançou no que diz respeito à cultura popular dentro da escola, não apenas pela inclusão de conteúdo específico, mas também no trato pedagógico em que a cultura popular é utilizada no processo de ensino e aprendizagem. Para os autores, a Capoeira traz em sua estrutura formas singulares de educar, como a oralidade, ancestralidade, ludicidade e musicalidade.



No campo da Educação Física Escolar, Cunha *et al.* (2019) consideram que, na formação inicial dos professores e professoras, o trato com a Capoeira seja fundamental, já que ela é um patrimônio cultural nacional. Entretanto, segundo levantamento realizado pelos autores há pouca oferta deste conteúdo nos cursos de licenciatura em Educação Física.

Assim como argumentado por So e Betti (2013), ainda hoje nota-se que muitos temas da cultura corporal de movimento de matriz afro-brasileira, entre eles, a Capoeira, não são trabalhados nas aulas de Educação Física Escolar por falta de uma organização curricular que os contemple ou por uma orientação pedagógica para ministrá-los, prevalecendo nas aulas o trato com o esporte.

Embora a Capoeira apareça como tema de pesquisas que visam criar possibilidades metodológicas para a sua inserção no ambiente escolar, muitas dessas abordagens metodológicas é voltada a capoeiristas ou professores de Educação Física que já praticaram a modalidade. Deixando, assim, a maioria dos professores, com pouca ou nenhuma referência para tematizar a Capoeira em suas aulas na escola (Silva, 2011).

Diante da problemática exposta e com a compreensão de que o professor de EFE não precise ter praticado necessariamente Capoeira para a incluir em suas aulas, o objetivo do artigo é apresentar uma proposta didático pedagógica para a Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fundamentada nos aspectos históricos, críticos e lúdicos desta manifestação afro-brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo é um recorte da pesquisa intitulada “A Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar: uma construção a partir da narrativa de formação de um capoeirista professor”, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A didática para o ensino-aprendizagem da Capoeira, parte, não só da prática exercida pelo primeiro autor, mas também do embasamento da pedagogia histórico-crítica e da perspectiva freireana de educação. Embora reconheçamos não se encontrar concluída e estar em constante processo de aperfeiçoamento, compreendemos nossa proposição ser importante, haja vista que fora construída ao longo de uma vida dentro da Capoeira, da escola e da universidade articulada à busca de práticas pedagógicas críticas. Desta maneira, representa hoje o que entendemos ser algo plausível para o desenvolvimento desta temática nas aulas dos anos iniciais do Ensino





Fundamental, podendo, em um futuro próximo, estarmos com outro entendimento ou não, pois acreditamos que a Capoeira, assim como nós, está viva e em constante devir.

Nossa Proposição Metodológica

Compreendemos educação como processo de humanização e libertação, na qual ela primeiramente permite aos oprimidos desvelar o mundo da opressão, para em seguida transformar a realidade opressora (Freire, 2014). Concordando com Saviani (2011), na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, apenas através do conhecimento historicamente acumulado, é possível a análise crítica da realidade com vistas a uma ação transformadora. Logo, a escola deve ser vista principalmente como um espaço para socialização deste conhecimento, de forma sistematizada. O ensino aprendizagem, segundo Freire (1996), dever ser visto como processo de construção entre educador e educando, ocorrendo assim uma troca de saberes, na qual são reconstruídos a partir da percepção do educando como um agente desse processo, tornando ambos autônomos, libertos e críticos.

Outros pressupostos que permeiam esta proposta metodológica estão ancorados na abordagem crítico-superadora, apresentada no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (Soares et al., 1992). Essa abordagem propõe um ensino crítico e reflexivo, fazendo o professor despertar para a importância da contextualização histórica e social dos conteúdos, lhe revelando que aquilo que de alguma forma já promovia nas aulas de Capoeira também poderiam ser teorizado. Nesse sentido, a Capoeira, que historicamente já carrega em si elementos de resistência e identidade cultural, passa a ser compreendida não apenas como uma prática corporal, mas como um conhecimento sistematizado e dotado de intencionalidade pedagógica.

A abordagem crítico-superadora dialoga diretamente com a pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2011), pois ambas compartilham a concepção materialista-histórica da educação, entendendo o ensino como um processo intencional de apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. A pedagogia histórico-crítica defende que o conhecimento escolar deve possibilitar a superação das desigualdades sociais, promovendo a emancipação dos sujeitos.

Desta forma, fica evidente a nossa opção por um ensino que traz a reflexão e a crítica como elementos para nosso fazer. De acordo com Freire (2014), quando o ensino é



crítico reflexivo, permite uma leitura social, cultural, histórica e política da realidade, possibilitando sua transformação.

E como uma das exigências para essa prática da reflexão, aparece o diálogo como essencial à mediação, que é o papel do ensino do professor nesta perspectiva, e vendo a dialogicidade como essência da educação como prática de liberdade, não há diálogo sem amor, humildade, fé nos homens, esperança e pensar verdadeiro, ou seja, pensar crítico, podendo este ser gerado pelo próprio diálogo (Freire, 2014).

Nesse sentido, trazemos os princípios curriculares apresentados por Soares et al. (1992, p. 19), e que norteiam nossa proposta didática para o ensino da Capoeira: 1. Relevância social; 2. A contemporaneidade; 3. A adequação às possibilidades sociocognoscitivas dos alunos e das alunas; 4. A simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; 5. A espiralidade da incorporação das referências do pensamento; e 6. A provisoriedade do conhecimento. Embora entendamos que todos estes princípios tenham relevância em nossa proposta, destacamos o da provisoriedade do conhecimento, que rompe com a ideia de fim, sendo fundamental para que o trato pedagógico com a Capoeira carregue toda sua historicidade e transformação cultural, colocando os e as alunas como sujeitos históricos da cultura corporal de movimento que produzem nas aulas de Educação Física.

Radicchi (2013) chama a atenção para as influências provenientes dos grupos de Capoeira quando ela for utilizada nas escolas, pois o professor deve estar atento a estes aspectos. Ressaltamos que tivemos uma preocupação peculiar na elaboração desta proposta didática, deixando os aspectos técnicos, que são diferentes em cada instituição, grupo ou escola de Capoeira, fora de nossa metodologia.

Considerando os princípios da ludicidade e criatividade, ambos também recomendados por Soares *et al.* (1992) para as aulas de Educação Física na escola, esta proposta se baseia praticamente em propostas lúdicas, com aspectos históricos relacionados à Capoeira, com intervenções e reflexões críticas, explorando a imaginação das crianças, contextualizando a história brincada com a realidade vivida no passado e a contemporânea, em diálogo com uma prática pedagógica crítica e transformadora (Freire, 2014).

Adotamos o sistema de ciclos para sistematizar nossa proposição, assim como orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018, na qual os anos iniciais são divididos em 2 (dois) ciclos, sendo um bloco os 1º e 2º anos e, no outro bloco, 3º, 4º e 5º anos (Brasil, 2018).





Na sua função precípua, a didática, segundo Libâneo (2013), ao focar no processo de ensino, campo principal da educação escolar, visa o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos e das alunas mediante a assimilação consciente e ativa de conhecimentos e habilidades. O trabalho docente deve efetivar a mediação de objetivos, conteúdos e métodos em função da aprendizagem discente, considerando as condições materiais e sociais concretas dos alunos e da sociedade e os objetivos sócio-políticos da escola.

A didática vai além das conexões entre ensino e aprendizagem, suas formas de ensino, mas considera fatores materiais e que condicionam as relações entre docência e aprendizagem. É então uma rede de elementos que se misturam, e interferem na aceitação, motivação e permanência em uma determinada prática, mas que acima de tudo precisam estar calçados em uma visão crítica-reflexiva da apreensão de novos saberes, além disso como afirma Freire (1996) ensinar exige dialogar com os saberes dos e das alunas e se comprometer com eles.

Com estas considerações sobre a didática e seus elementos constitutivos, formulamos esta proposta para o ensino da Capoeira na escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, constando de objetivos e conteúdos, ambos em consonância, além de estratégias didáticas e avaliação do processo ensino-aprendizagem.

1. Primeiro Ciclo Pedagógico - 1º e 2º anos

Pensar a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental à luz do pensamento de Paulo Freire significa compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção e construção do saber (Freire, 1996). A proposta de ensino da Capoeira aqui apresentada está ancorada em uma pedagogia que considera os e as estudantes como sujeitos de sua formação, capazes de refletir criticamente sobre suas realidades, interagir com o mundo e transformá-lo.

Freire (1967) nos ensina que a educação não pode ser neutra diante das injustiças e desigualdades: ela é sempre política. Por isso, ao incluir a Capoeira como tema curricular, propõe-se não apenas vivenciar um conjunto de movimentos corporais, mas valorizar as expressões culturais afro-brasileiras e seus significados históricos, sociais e políticos. A Capoeira, como luta e dança de resistência, carrega consigo a memória coletiva de um povo



que lutou por sua liberdade e dignidade, sendo, portanto, um potente conteúdo para a formação ética, estética e cidadã dos estudantes.

É nesse sentido que a proposta se organiza em ciclos narrativos, partindo da problematização da história da África, da invasão colonial e do tráfico de pessoas escravizadas, até chegar à criação da Capoeira como prática de libertação. A metodologia dialógica e a produção coletiva do conhecimento são aqui elementos fundamentais. Como defende Freire (1987), educar é um ato de amor e coragem, e exige do educador o compromisso com a superação das opressões históricas que marcaram (e ainda marcam) os corpos negros em nossa sociedade.

Cabe também comentar que embora as sugestões apresentadas sejam descritas com verbos no imperativo, sugerindo ações concretas do e da professora, compartilhamos com Paulo Freire sobre a autoria docente e a produção didático pedagógica como fruto do diálogo constante entre educadores e educandos.

1.1 Objetivos

- Identificar a Capoeira como uma manifestação afro-brasileira, problematizando os motivos de sua criação;
- Compreender a África como lugar com grande diversificação cultural;
- Vivenciar e construir jogos simbólicos e de imitação;
- Experimentar movimentos variados de deslocamento;
- (Re)conhecer espaços e mestres de Capoeira da comunidade;
- Conhecer instrumentos musicais utilizados na Capoeira;
- Valorizar a cultura popular.

1.2 Conteúdos

- O continente africano;
- Manifestações afro-brasileiras;
- Jogos e brincadeiras de perseguição e cooperação;
- Instrumentos musicais usados na Capoeira;



1.3 Estratégias Didáticas

1º Momento (Problematização), o professor identificará qual o conhecimento prévio da turma sobre o assunto, problematizará sobre a temática e explicará como será a atividade; no 2º Momento (Vivência brincada), o professor dará sequência na aula com o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras, intervindo quando necessário; no 3º Momento (Reflexão) deverá ser feita uma reflexão mais aprofundada sobre o tema e sua problemática.

Como recurso didático propõe-se, de acordo com cada realidade, a utilização de materiais para desenho, equipamentos de reprodução de áudio e vídeo, instrumentos musicais da Capoeira e materiais para dinamizar os jogos e brincadeiras (cordas, cones, elástico etc.).

1.4 Avaliação do Processo Ensino e Aprendizagem

Propomos algumas estratégias avaliativas compreendendo a avaliação na sua totalidade e levando em consideração a dialogicidade e a reflexão crítica da realidade. Sugerimos a diversificação dos instrumentos, como desenhos, pesquisas, comentários, envolvimento nas atividades, observação e registro, textos. Também alertamos para que seja diagnóstica, processual, formativa e somativa.

Parte 1 – Riquezas da África

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem sabe o que é Capoeira? Quem já viu?

Quem sabe o que é África? Quem sabe o que existe lá?

Após a discussão, abordar as riquezas da África com utilização de recursos audiovisuais ou por meio de narrativa do professor.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Alguém sabe o nome de um lugar da África? O que podemos encontrar lá?

Sugere-se iniciar a história do continente africano, fazendo com que o ambiente da aula se torne a África imaginária, citando nomes de nações africanas (Angola, Moçambique, Guiné etc.). O professor, juntamente com os alunos, fará jogo de imitação (guerreiros e



guerreiras, reis e rainhas, príncipes e princesas etc.), deixando com que os alunos participem da história, criando e recriando movimentos. Continuando a história, o professor passa a questionar sobre quais animais eles conhecem do continente africano, sugere alguns e mais uma vez solicita a imitação, observando e aproveitando as sugestões dos alunos. Nos momentos de imitação o professor deve ir propondo cada vez mais desafios corporais e cognitivos, além de, a todo o momento, proporcionar o contato entre os alunos.

Observação: Durante a história, o professor deve reforçar a ideia de que todos eram livres e tinham suas escolhas. Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (sons de tambores, de animais, músicas africanas).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

De que fala a história? Como iniciamos? De quais lugares falamos? De que mais falamos? Do que mais gostaram?

- Sugestões de estratégias avaliativas:

Solicitar que os alunos realizem um desenho sobre esta parte da história de forma individual; pode também sugerir que todos desenhem em uma grande folha (papel madeira); também pode trazer um desenho impresso que simbolize a parte da história contada e entregar para que os alunos pintem.

Parte 2 – Invasão à África

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Sobre o que foi a aula?

História de que? Onde paramos?

Após a discussão, fazer um breve resgate sobre a liberdade, riquezas do continente africano e que a história irá continuar. Caso ele tenha utilizado o desenho como estratégia, pode reforçar que eles terão outro desenho no final da aula.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

O que é uma invasão? Por que alguém invade um lugar?





Falar sobre a invasão no continente africano. Após roubarem suas riquezas, passaram a capturar as pessoas. Nesse momento propor jogos de perseguição das mais variadas formas. Importante mudar os nomes dos locais invadidos: "Vamos invadir Angola", "agora vamos invadir Guiné," etc. Fazer com que cada aluno ocupe a função de perseguidor e variar ao máximo, utilizando a criatividade e sugestão dos alunos novas formas de "perseguir" e "fugir".

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Por que a África foi invadida?

Vocês acham certo invadir um lugar? E capturar as riquezas e pessoas? Por quê?

Perguntar sobre as partes da história contada até agora e reforçar a informação sobre a captura de pessoas de diversos locais diferentes, onde cada uma ocupava uma função na sociedade em que viviam, mas agora estavam todos presos. Caso tenha utilizado o som, perguntar como era a música que eles estavam ouvindo e qual o nome do(s) instrumentos, criando expectativa para a continuação da história.

Parte 3 – Navio Negreiro

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história? Onde paramos? Quem se lembra do som que estava tocando? Qual o nome do instrumento? (caso tenha utilizado som)

Apresentar a imagem do berimbau e os outros instrumentos utilizados na Capoeira (fotos, vídeos ou, caso tenha facilidade, pode levá-los para a aula) e falar que a história irá continuar. Caso tenha utilizado o desenho como estratégia, pode reforçar que eles terão outro desenho no final da aula.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Quem já viu um navio? Como seria estar preso em um navio? Como podemos imaginar que estamos em um navio?





Fazer um resgate de toda a história e continuar contando que agora eles estavam presos e seriam levados para um lugar longe dos seus lares, dentro de um navio. Nesse momento o jogo será imaginar a viagem no navio, onde o professor deve solicitar deslocamento em quatro apoios, de frente, de costas, de lado etc. Posteriormente deve solicitar o deslocamento em grupos. Reforçar sempre a informação de que eles eram de lugares diferentes da África, onde cada local tinha sua própria cultura, como lutas, danças, costumes etc. Terminar esta parte da história com a chegada deles ao Brasil.

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Quais os movimentos que realizamos hoje? Vocês acham que alguns desses movimentos parecem com os que os capoeiristas fazem? Quais?

Perguntar sobre as partes da história que ele contou até agora. Reforçar a informação sobre a captura de pessoas de diversos locais diferentes, onde cada uma ocupava uma função na sociedade em que viviam, mas agora estavam todos presos, em uma terra distante. Caso tenha utilizado as músicas, explicar que são músicas de Capoeira e criar expectativa para a próxima aula.

Após as reflexões, caso o professor tenha optado pelos desenhos, essa é a hora!

Parte 4 – Capoeira, Luta de Libertação

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história? Onde paramos? Quem se lembra quais são os instrumentos musicais da Capoeira?

Após a discussão, o professor informa que hoje será a parte final da história.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Quem gostaria de ser levado para longe de sua casa? De trabalhar forçado? De apanhar muito? O que fariam? Fugiriam? Lutariam?



Fazer um resgate de toda a história e continuar contando que, quando eles chegaram ao Brasil, foram escravizados (explicar o conceito de escravizados). Explicar que a Capoeira foi criada para lutar e serem livres novamente. Então inicia o jogo simbólico de luta, que na verdade será um pega-pega adaptado. Nesse jogo, escolhe-se um “Capoeira” (podendo ser mais de um) e o objetivo é o “Capoeira” encostar a cabeça em alguma parte do corpo do colega, mas o deslocamento deve ser realizado em “quatro apoios”, ou seja, com as mãos e os pés no chão. Aqueles que forem sendo atingidos passam a ajudar o colega. Posteriormente pode ser solicitado que o “Capoeira” agora tem que encostar (ressaltar que, por ser uma brincadeira, não deve chutar o colega) um dos pés na perna do colega. A partir desse momento deve ser aproveitada a criatividade do professor e dos alunos para realizar as variações.

Terminar a história informando que assim a Capoeira foi criada, para a libertação de um povo e hoje é praticada em todos os lugares do mundo. Perguntar quem conhece um mestre ou professor de Capoeira; caso algum aluno queira demonstrar algum movimento específico da Capoeira, permitir que ele faça no centro da roda, de forma individual.

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Quem criou a Capoeira?

Para que ela foi criada? Quais movimentos fizemos? São movimentos de Capoeira?

Resgatar com os alunos toda a história contada. Reforçar a informação sobre o motivo da criação da Capoeira e quem a criou (africanos) tornando-a uma luta afro-brasileira.

2. Segundo Ciclo Pedagógico - 3º, 4º e 5º anos

2.1 Objetivos

- Identificar e valorizar a Capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira, compreendendo seu significado e sua aproximação com a classe social menos favorecida da sociedade;
- Compreender que a Capoeira foi criada como luta para a libertação;
- Compreender a África como um continente, com diversas nações, cada uma com sua identidade;



- Compreender que o processo de escravização dos africanos se deu por conta da exploração dos europeus em busca de riquezas;
- Refletir sobre o preconceito com as manifestações afro-brasileiras e com o negro na sociedade brasileira;
- Compreender que a abolição foi conquistada com muita luta do povo negro;
- Vivenciar, construir e reconstruir jogos simbólicos e de imitação;
- Experimentar os movimentos variados de deslocamento, equilíbrio, força e relacioná-los com movimentos da Capoeira;
- Vivenciar movimentos característicos da Capoeira;
- (Re)conhecer espaços e mestres de Capoeira da comunidade;
- (Re)conhecer os instrumentos musicais utilizados na Capoeira;

2.2 Conteúdos

- O continente africano e sua diversidade cultural (lutas, danças, idiomas etc.);
- A Capoeira como manifestação afro-brasileira;
- Aspectos do sistema escravagista (senzala, feitor, capitão do mato, casa grande etc.);
- Conceito de Quilombo;
- Preconceito racial e social;
- Mestres e espaços da Capoeira da comunidade escolar;
- Movimentos de equilíbrio, coordenação, força e deslocamentos variados;
- Movimentos corporais que simulam ataques e defesas;
- Jogos e brincadeiras de oposição, perseguição e cooperação;
- Instrumentos musicais utilizados na Capoeira.

2.3 Estratégias Didáticas

Indicamos o desenvolvimento de 05 (cinco) a 06 (seis) aulas, mas compreende-se que o professor saberá melhor definir de acordo com o interesse e necessidade do grupo. Caso o 5º ano já tenha vivenciado, em pelo menos, 02 (dois) anos anteriores este conteúdo, a estratégia deverá ser outra, em que em 02 (duas) aulas o professor poderá desenvolver toda a metodologia proposta, como forma de resgatar o conhecimento, podendo posteriormente à



esse momento, realizar reflexões mais aprofundadas sobre como a Capoeira se encontra atualmente na sociedade.

Como recursos didáticos propomos, de acordo com cada realidade, a utilização de pesquisas na internet, equipamentos de reprodução de áudio e vídeo, instrumentos musicais da Capoeira e materiais para dinamizar os jogos e brincadeiras (balões, giz, cordas, cones, elástico, etc.). O mais importante será a criatividade do professor.

2.4 Avaliação de Ensino e Aprendizagem

Compreendendo a avaliação na sua totalidade e levando em consideração a dialogicidade e a reflexão crítica da realidade, sugerimos a diversificação dos instrumentos, como desenhos, pesquisas, comentários, envolvimento nas atividades, observação e registro, textos. Também alertamos para que seja diagnóstica, processual, formativa e somativa.

Parte 1 – África, Continente Multicultural

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem aqui conhece Capoeira? O que é Capoeira? Quem criou? Por quê? Quem já praticou ou pratica? Conhece alguém que pratica? Na comunidade tem algum mestre ou professor de Capoeira? E o que é África? O que vocês sabem sobre a África? Quem lembra da história que fizemos ano passado?

Após a discussão, de acordo com cada caso e turma, abordar as riquezas e a diversidade cultural da África (caso tenha facilidade, utilizar equipamento de vídeo). Para turmas de 5º ano, pode solicitar uma pesquisa sobre as lutas de alguns países africanos. Destacamos que o aprofundamento no tema vai depender muito da turma. Em seguida explicar que eles vão entender como a Capoeira foi criada a partir de uma história, que todos vivenciarão na prática.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Vocês sabem nomes de países da África? Quais? Quais países invadiram a África? A qual continente eles pertencem? Vocês sabem o que é saquear?



Falar sobre o continente africano, fazendo com que o ambiente da aula se torne a África imaginária, mas citando nomes de nações africanas (Angola, Moçambique, Guiné, etc.). Realizar o “jogo das riquezas”. Também pode adaptar e/ou criar um jogo que tenha o mesmo significado, que é retirar as riquezas de alguém. Esse jogo simbolizará o saqueamento das riquezas do continente africano no passado e até hoje.

- Opção 1 - Realizar o jogo com balões, utilizando 04 (quatro) cores: amarelo, simbolizando o ouro; verde, representando a vegetação; vermelho, os animais; preto, a raça negra. A turma é dividida em dois grupos, o primeiro representará o continente e formará uma grande roda, todos de mãos dadas, onde os balões serão colocados dentro e serão protegidos pelos integrantes da roda. O segundo grupo representará os colonizadores, que tentarão saquear o continente. O professor e a turma decidirão quantos “saqueadores” farão parte do grupo e o número pode ser alterado, de acordo com o desenrolar do jogo. Ao sinal do professor ou de uma música, os “saqueadores” tentarão pegar os balões, seguindo uma ordem previamente acordada, ou seja, pegarão “um tipo de riqueza” por vez, até pegarem tudo. Para cada balão estourado por um saqueador, este trocará de função com alguém do “continente”. Caso o professor perceba que os “saqueadores” não estão conseguindo, ele deve criar estratégias para favorecê-los, pois a intenção realmente é fazer com que o “continente” seja “saqueado” para provocar a reflexão. Os papéis podem ser constantemente alternados entre os alunos, para que todos possam vivenciar os dois lados.

- Opção 2 – Realizar o jogo utilizando fitas com as mesmas cores dos balões. Entretanto, o jogo será de perseguição e os “saqueadores” tentarão pegar as fitas, até conseguir pegar todas.

O jogo nessa primeira parte da história deve simbolizar a invasão à África e a captura dos africanos, podendo o professor adaptar e/ou criar novos jogos para atingir esse objetivo. A todo momento deve ser reforçada a informação de que isso aconteceu em várias nações africanas. Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (sons de tambores, de animais, músicas africanas).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem saqueou a África? Quais as riquezas do continente africano?



Promover as reflexões sobre porque a África foi roubada durante muitos anos e enfatizar que aqueles capturados tinham suas funções específicas na sua nação, que não eram todos iguais e que as nações falavam idiomas diferentes.

- Sugestões de estratégias avaliativas:

Solicitar que os alunos do 3º ano escolham uma palavra que simbolize a aula e colocar todas as palavras em uma cartolina, fazendo que em cada aula seja criado um novo “quadro de palavras” e ao final tenha toda a história em palavras pelos próprios alunos. Para o 4º ano pode ser solicitado que cada aluno escreva a parte da história da aula até chegar ao final. E para o 5º ano podem ser solicitadas pesquisas diversas relacionadas ao tema da aula, como proposto anteriormente.

Parte 2 – Navio Negreiro

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Quais os nomes dos países? O que aconteceu na história? Vamos ver as palavras que escreveram. Todos fizeram a pesquisa? O que acham que vai acontecer agora na história?

Após a discussão, explicar que a continuação da história se dará no transporte dos africanos capturados para o Brasil, dentro de um barco denominado de “Navio Negreiro”. Mostrar imagens de como era um “Navio Negreiro”.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Quem sabe o nome de um oceano? Como podemos fingir que estamos presos no navio? Se um navio partir o que acontece?

Estimular a imaginação da turma, solicitando que eles imaginem o mar que todos terão que atravessar, o oceano Atlântico. Neste momento, indicar que a turma inicie a travessia, para isso o professor vai estimulando várias formas de deslocamento, além de fazer com que eles “atrassem” individualmente, em duplas, trios, etc. Quando em grupos, eles devem fazer a travessia sem deixar ninguém para trás. Em um momento deve ser solicitado que todos atravessem juntos (mãos dadas, braços entrelaçados, abraçados etc.). Quando individualmente, devem ser priorizados os deslocamentos em quatro apoios no chão.





3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quais movimentos fizemos que parecem com os da Capoeira? Será que a travessia dos africanos foi fácil? Com o que podemos comparar os Navios Negreiros? Que tipo de música estava tocando? Como foi mais difícil atravessar? Por quê?

Questionar os alunos se eles conhecem algum movimento realizado na Capoeira e se os movimentos realizados na aula parecem com estes movimentos. Voltar a fazer a reflexão sobre como era a real travessia dentro dos Navios Negreiros. Para algumas turmas podem ser feitas contextualizações sobre os ônibus lotados levando os trabalhadores todos os dias, apenas como forma de refletir sobre a realidade. Nesse momento também deve ser falado sobre a música que tocou durante a aula, que eram músicas de Capoeira. Falar quais os instrumentos mais comuns na roda de Capoeira (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco). Como avaliação, dar sequência à estratégia escolhida na aula 01, além de solicitar pesquisas sobre os instrumentos utilizados na Capoeira.

Parte 3 – Senzala e o Trabalho do Escravizado

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Como eram chamados os barcos? O que aconteceu na história? Vamos ver as palavras que escreveram. Todos fizeram a pesquisa? O que acham que vai acontecer agora na história?

Após a discussão, explicar que a continuação da história será a partir da chegada ao Brasil, onde serão escravizados.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Quem conhece o nome de algum idioma africano? Como a gente pode se comunicar com alguém que não fala nosso idioma? Onde os escravizados dormiam? Quais trabalhos eram realizados por eles? Quais atividades podemos fazer para simular esses trabalhos?



Continuar a história falando de como eram separados os africanos, e que, propositalmente eram misturadas as nações, para assim dificultar o diálogo entre eles. No 5º ano pode ser realizado nesse momento o jogo do “nó humano”, no qual os alunos são colocados em círculo, de mãos dadas e devem memorizar quem está ao seu lado direito e esquerdo. Após, escolher alguma estratégia para fazer com que todos se misturem e, ao sinal do professor, eles devem dar as mãos aos mesmos colegas que estava no momento do círculo, formando assim um grande “nó”. A partir daí a turma deve desfazer o nó sem se comunicar oralmente uns com os outros, fazendo uma reflexão da dificuldade de alcançar um objetivo quando você não consegue conversar.

Apresentar o local onde os escravizados ficavam, a Senzala. Falar que com a mistura das nações, houve uma mistura de culturas (este dado é totalmente relevante para o entendimento da criação da Capoeira). Pode ser delimitada uma pequena área no local da aula e todos da turma devem permanecer lá quando não estiverem “trabalhando”. Os movimentos que simbolizarão o trabalho podem ser criados pelo professor e a turma. Seguem sugestões: “carrinho de mão”, “cadeirinha”, levar algum colega nas costas, entre outros. Posteriormente o professor deve falar de um trabalho comum realizado na época da escravidão, que era o corte da cana-de-açúcar. Para simbolizar, pedir aos alunos que façam movimentos de “rasteiras”, da forma que eles quiserem.

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Qual trabalho foi mais difícil? Por quê? Qual movimento da Capoeira nós realizamos? Quem gostaria de ser escravizado?

Comentar sobre os movimentos realizados na aula, sobre a “rasteiras”, que é um dos golpes mais característicos da Capoeira. Nos 5º anos é possível contextualizar a rasteira na Capoeira com a “rasteira” da vida, falar da importância de saber cair e levantar na vida. Questionar aos alunos sobre quem gostaria de viver nas condições de um escravizado. Falar mais um pouco sobre como o ambiente da senzala era multicultural. O que eles fariam se fossem eles? A partir desse momento já cria a expectativa para a continuação da história, que será a fuga das senzalas. Como avaliação, dar sequência à estratégia escolhida. Solicitar pesquisa para os 5º anos sobre tipos de golpes de desequilíbrio existentes na Capoeira.





Parte 4 – A Fuga para os Quilombos

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Qual o nome do local onde dormiam os escravizados? Qual o movimento específico da Capoeira que realizamos? O que aconteceu na história? Vocês sabem o que é um quilombo?

Após a discussão, explicar que a continuação da história será a fuga para os quilombos.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

As nações da África tinham guerreiros? Elas tinham suas próprias lutas? Vocês lutariam para se libertar? Quem perseguia os escravizados quando eles fugiam?

Primeiramente deve fazer um resgate da história, elencando alguns pontos principais, como a diversidade cultural da África, a mistura das nações quando chegaram ao Brasil, o sofrimento da vida de escravizado. Faz-se a reflexão que era natural alguém querer fugir, se libertar. Mas como eles não possuíam armas, tinham que lutar, muitas vezes, com o próprio corpo e ainda enfrentar as dificuldades de fugir para a mata.

Os movimentos que simbolizarão a fuga deverão ser desafios, em que pode ser feito um circuito de obstáculos. Também podem ser realizados, mais uma vez, os deslocamentos corporais diversificados, entrando também o movimento de “estrela” da ginástica, que na Capoeira é chamado de “aú”. Contudo, agora entra na história a figura do “capitão-do-mato”, que poder ser representado pelo próprio professor. O capitão-do-mato deverá acompanhar a fuga e como desafios corporais pode ser solicitado que quando o capitão-do-mato chegasse perto de alguém, este deveria ter que se equilibrar de uma forma pré-estabelecida (com a cabeça no chão, fazendo uma “ponte”, com um pé para cima, etc.) para não ter que voltar para a senzala.

Ao final da fuga, forma-se um quilombo, onde todos farão um círculo de mãos dadas e o professor falará um pouco sobre o que é um quilombo.

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:





Por que a “estrela” na Capoeira é chamada de “aú”? (Na execução do movimento, primeiramente a letra A é simbolizada pelos dois braços quando as mãos estão no solo, e a letra U pelas duas pernas para cima) Quem sabe o nome de algum quilombo? Com o que podemos comparar os quilombos na nossa realidade?

Abordar os movimentos realizados, principalmente os de equilíbrio e o “aú” bastante realizados pelos capoeiristas. Contextualizar o quilombo com as comunidades atuais. Solicitar pesquisa sobre o Quilombo dos Palmares para turma do 5º ano. Enfatizar que durante a fuga, os escravizados muitas vezes lutavam com os seus perseguidores e para isso utilizavam o próprio corpo, pois todos sabiam lutar e com a mistura de culturas acabaram aprendendo outras formas de lutas. Continuar com a estratégia de avaliação escolhida na primeira aula.

Parte 5 – Capoeira, Luta de Libertação

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Qual o nome do local para onde os escravizados fugiam? Quais os movimentos da Capoeira que realizamos? O que aconteceu na história? Como a Capoeira entra na história?

Após a discussão, o professor explica que a continuação da história será do quilombo à Capoeira atual.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Por que um quilombo precisa ser forte? Qual a importância da união?

Após realizar um resgate de toda a história, o professor trará a reflexão sobre a necessidade de um quilombo ser forte. Explicará que os moradores dos quilombos eram chamados de quilombolas e que constantemente os quilombos sofriam tentativas de invasão. Nesse momento serão feitos jogos de roda, onde, de acordo com a quantidade de alunos na turma, podem ser formadas 02, 03 ou mais rodas, que simbolizarão os quilombos. Com os quilombos formados, o professor definirá alguém para ficar fora do quilombo e outro aluno para dentro do quilombo. Quem estará fora (capitão-do-mato) tentará capturar o aluno que se encontra dentro (quilombola), que poderá sair e entrar a qualquer momento do quilombo.



Outra atividade muito conhecida que pode ser contextualizada com os quilombos é que a turma (quilombolas) deve correr de uma área pré-determinada (quilombo) para outra (quilombo) sem ser pega por um aluno (capitão-do-mato), que não poderá adentrar em nenhum dos quilombos. À medida que os alunos forem sendo pegos, estes passam a ajudar o capitão-do-mato a pegar os demais, formando uma "corrente" humana, até que todos sejam pegos.

Embora essa atividade possa, à primeira vista, parecer contraditória por sugerir que os capturados colaborem com o opressor, é justamente essa contradição que se pretende problematizar. Historicamente, sabe-se que, em determinados contextos, indivíduos que inicialmente eram vítimas do sistema escravista acabavam por reproduzir a opressão sobre seus próprios companheiros, seja por coerção, sobrevivência ou outras dinâmicas sociais impostas pela estrutura escravista. Essa reflexão remete ao conceito freireano do "oprimido que se torna opressor" (Freire, 2014), um fenômeno que deve ser compreendido criticamente para que se possa superá-lo.

Uma variação desta brincadeira pode ser realizada para trabalhar movimentos específicos da Capoeira. Quando um quilombola for pego, este ficará agachado, com um dos braços na frente do rosto, como forma de proteção (posição de cocorinha) e não ajudará o capitão-do-mato. Na medida em que a turma continue passando de um quilombo para outro, o quilombola capturado poderá ser salvo, caso um de seus colegas, passe a perna por cima de sua cabeça, com um movimento circular, que representará a queixada ou meia lua de frente (perna direita girando no sentido horário simboliza a queixada e no sentido inverso simboliza a meia lua de frente; perna esquerda girando no sentido horário simboliza a meia lua de frente e no sentido inverso simboliza a queixada).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem criou a Capoeira e para que criou? O que significa ser livre? O que significa afro-brasileiro? Quem foi Zumbi? Quem foi Dandara? Quais movimentos da Capoeira que realizamos?

O professor deve questionar sobre a criação da Capoeira. Para que ela foi criada? Quem a criou? Fazer entender que ela é fruto de uma mistura de várias culturas, sendo que foi criada aqui no Brasil, por isso é afro-brasileira. Deve falar de outras manifestações de mesma





origem. Falar que a partir daí a Capoeira foi ganhando novas características e hoje é Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade. Solicitar uma pesquisa sobre os mestres ou professores de Capoeira que existem na comunidade, assim como os locais onde acontecem as aulas. Solicitar pesquisa sobre quais os golpes e defesas utilizados na Capoeira.

Parte 6 – O que Sabemos de Capoeira

Na última etapa da proposta para o 2º ciclo, recomenda-se fazer um momento de avaliação com a turma por meio da estratégia escolhida, sejam as palavras, frases, textos. Além disso, é hora de falar sobre as pesquisas (lutas, instrumentos, Palmares, mestres e locais de Capoeira na comunidade, golpes, defesas).

Algo que pode ser feito é o convite para esse momento do mestre ou professor de Capoeira da comunidade para realizar uma vivência corporal com alguns aspectos técnicos ou mesmo uma roda. O professor também pode nessa aula passar vídeos sobre Capoeira, não de história, mas de rodas e movimentos.

Ao longo desta proposta didática, buscou-se construir uma prática educativa que reconhece e valoriza a Capoeira como um saber historicamente produzido por sujeitos negros em situação de resistência. Por meio de narrativas corporais, jogos simbólicos e rodas de conversa, os estudantes foram convidados a dialogar com a história e com as marcas de uma herança cultural afro-brasileira que ainda pulsa nos territórios e nas comunidades.

Freire (1996) nos lembra que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, e isso inclui suas vivências, suas culturas e suas formas próprias de interpretar o mundo. Ao dialogar com a Capoeira, cria-se um espaço pedagógico em que as crianças podem se ver como parte de uma história maior, que atravessa a dor, mas também a criatividade, a alegria e a luta.

Mais do que uma sequência de atividades, essa proposta reafirma a educação como prática da liberdade (Freire, 1967). Uma prática que se constrói no corpo, no gesto, na escuta, na brincadeira, na música e na palavra — e que se compromete com a formação de sujeitos críticos, sensíveis e esperançosos. Como nos ensina Freire (1992), ensinar Capoeira nos anos iniciais é também esperar: cultivar o pertencimento, a justiça e o respeito às culturas de matriz africana que compõem a identidade do povo brasileiro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fruto de uma vida na Capoeira, na escola e na universidade, contendo todos os elementos pedagógicos da formação e da experiência com o ensino desta manifestação em ambientes diversos, de uma forma simples e compreensível, apresentamos a nossa possibilidade metodológica com a Capoeira, adequada e sistematizada para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Visando principalmente atender aos professores de Educação Física que nunca tiveram formação com a Capoeira, ou mesmo tendo alguma experiência, não se sentiam seguros para aplicá-la no espaço escolar com crianças.

Uma das principais intenções deste estudo é ajudar a salvaguardar um patrimônio cultural. Para isso, sugerimos que a Capoeira esteja presente nas escolas brasileiras não somente como um conteúdo da Educação Física Escolar, ou atividade extracurricular, mas com lugar de destaque no sistema de educação nacional, sendo valorizada como a manifestação rica que é, tendo sua trajetória intrinsecamente relacionada com a história do povo brasileiro, e principalmente, sendo ministrada por um mestre de Capoeira. Entretanto, com todas as barreiras que ela ainda terá que superar para alcançar este status, entendemos que podemos facilitar sua inserção utilizando a Educação Física Escolar. Para esse fim, foi construída uma possibilidade metodológica de fácil desenvolvimento para o professor, não capoeirista, abordá-la nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dessa forma, enfatiza-se que a proposta metodológica aqui apresentada não deve ser compreendida como um modelo rígido ou uma "receita" didática a ser aplicada de maneira uniforme. Ao contrário, fundamentada na pedagogia freireana, essa proposição reconhece a importância do respeito à realidade concreta de cada contexto escolar, compreendendo que a prática pedagógica deve ser dialógica, contextualizada e significativa (Freire, 2014).

Nesse sentido, em consonância com os princípios da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2011) e da abordagem crítico-superadora (Soares *et al.*, 1992), entende-se que o ensino da Capoeira na Educação Física escolar deve partir da problematização da realidade dos alunos, trazendo elementos da história e da cultura local para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Também fundamentada na pedagogia freireana, esta proposta reconhece que cada realidade escolar possui suas particularidades, sendo necessário que o professor considere o contexto sociocultural dos alunos ao planejar suas práticas pedagógicas.

Como aponta Freire (2014), a educação não pode ser reduzida a um modelo rígido ou padronizado, pois o ato de ensinar exige diálogo, escuta e sensibilidade às especificidades





do meio em que ocorre. Nesse sentido, a abordagem aqui apresentada busca oferecer elementos que possam ser adaptados e ressignificados de acordo com a realidade de cada escola e comunidade, sem perder de vista sua intencionalidade crítica e emancipatória.

Além disso, ao propor um ensino que parte da historicidade e da cultura como elementos centrais, essa abordagem permite que a Capoeira seja trabalhada não apenas como uma prática corporal, mas como um fenômeno social e histórico, conectando-se às vivências dos alunos e favorecendo a construção de um conhecimento significativo. Dessa maneira, reafirma-se a importância de uma prática pedagógica que não apenas ensine a Capoeira, mas que possibilite compreender sua história, suas contradições e seu papel na sociedade.

Dialogando com os princípios da pedagogia histórico-crítica e da abordagem crítico-superadora, que compreendem o conhecimento como um processo sistemático e dinâmico, no qual os conteúdos escolares não são apresentados de maneira estanque, mas sim organizados de forma a garantir sua apropriação crítica e significativa pelos alunos (Saviani, 2011; Soares *et al.*, 1992), é fundamental considerar que a proposta pressupõe um trabalho contínuo e progressivo ao longo dos cinco anos, respeitando o desenvolvimento cognitivo e cultural dos alunos. Dessa forma, os conteúdos e estratégias de ensino da Capoeira devem ser gradualmente aprofundados, evitando uma mera repetição dos mesmos temas e abordagens para os grupos que já tiveram contato com a temática em anos anteriores.

O estudo traz uma contribuição direta para a área da Educação Física Escolar, na qual, a partir do acesso, aceitação e utilização da proposição pelos professores, possibilite que mais um conteúdo da cultura corporal seja democratizado, sendo garantido assim o direito de cada criança em conhecer, vivenciar e refletir sobre uma manifestação afro-brasileira que atualmente se encontra em todos os continentes do mundo e tem em sua essência a luta por liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira regional**: a escola de Mestre Bimba. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

CORDEIRO, Adriana Aparecida Soares; ABIB, Pedro Roberto Jacobi. A educação da capoeira: uma pedagogia da cultura popular. **Educação em foco**, v. 21, n. 33, p. 223-241, 2018.





CUNHA, Nívea Vilela Silva *et al.* (Orgs.). **Diálogos acerca da formação de professores em educação física**. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

RADICCHI, Maria Regina. **Capoeira e escola**: significados da participação. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Míriam. **Memória D'África**: a temática africana em sala de aula. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Priscila Cordeiro Corrêa da. Capoeira nas aulas de educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 33, n. 4, p. 889-903, 2011.

SOARES, Carmem Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SO, Marília Rangel; BETTI, Mauro. Lutas na educação física escolar: relação entre conteúdo, pedagogia e currículo. **Educación física y deportes**, v. 17, n. 178, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd178/lutas-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SOUZA, Paulo César Simões de. **Capoeira**: técnicas básicas. Paris, França: Independance Prod, 2006.

Dados do primeiro autor:

Email: hebert.capoeira@gmail.com

Endereço: Rua Joaquim Alves, 84, apto 117, Bairro Meireles, Fortaleza, CE, CEP: 60110-345, Brasil.

Recebido em: 25/02/2025

Aprovado em: 31/03/2025



**Como citar este artigo:**

SILVA, Luciano Hebert de Lima; TINÔCO, Elizabeth Jatobá Bezerra, FILGUEIRAS, Isabel Porto. Capoeira na educação física escolar: uma proposição metodológica fundamentada na historicidade, criticidade e ludicidade. **Corpoconsciência**, v. 29, e.19230, p. 1-26, 2025.

